

# Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,  
Rio de Janeiro,  
Museu Imperial, Petrópolis, RJ  
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:  
Roberto Conduru  
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de

**Sobre posições:  
objetos em fluxo,  
espaços em refluxo**

## O espaço poético da Arquitetura do Papelão

Aissa Afonso Guimarães  
UFES

### Resumo

Esta comunicação aborda, numa perspectiva fenomenológica, a narrativa poética das esculturas do artista plástico carioca Sergio Cezar, em seu trabalho nomeado Arquitetura do Papelão. As obras são representações inspiradas na arquitetura e na vida urbana carioca das ruas, das favelas e dos cortiços. As esculturas em miniaturas têm o papelão como suporte e como matéria prima na confecção de elementos que as compõem, junto com variados detalhes feitos de material reciclado.

### Palavras-chave

Arquitetura, papelão, poética

### Abstract

This communication approaches, in a phenomenological perspective, the poetic narrative of the sculptures by “carioca” (native of Rio de Janeiro) fine artist Sergio Cezar, in his work named “Arquitetura do Papelão” (Cardboard Architecture). The pieces are representations inspired by the architecture of “carioca” urban daily life of shanty towns and slums. The miniature sculptures have the cardboard as support and as raw material for the creation of the elements that it composes, together with a variety of details made of recycled material.

### Key-words

Art, architecture, poetic

Arquitetura do Papelão é o nome dado por Sergio Cezar <sup>1</sup> à sua arte em papelão. O artista, que já trabalhava com esculturas em outros materiais, como argila, cimento, bronze, madeira, cera, papel-machê, resina, etc., iniciou sua experiência com papelão e demais materiais reciclados, há, aproximadamente, de dez anos. A primeira exposição de miniaturas da Arquitetura do Papelão aconteceu em 2001, no Rio de Janeiro<sup>2</sup>. Desde então, o artista se dedica quase exclusivamente ao trabalho das esculturas em papelão, participando de diversas exposições e expandindo seu processo através de oficinas de arte em projetos sociais e educacionais.

As esculturas, de Sergio Cezar, têm o papelão como suporte e como matéria prima na confecção de elementos que compõem as esculturas, junto com toda espécie de material reciclado. As peças são representações figurativas em miniaturas, inspiradas na arquitetura e no modo de vida da cidade do Rio de Janeiro, são maquetes de casas simples, barracos, antigos casarões coloniais, sobrados neoclássicos, vilas, vielas e favelas inteiras, todas construídas em papelão pintado e preenchidas com numerosos e variados detalhes de sucatas.

As dimensões das peças variam de 10 cm<sup>2</sup>, até ocupar um espaço de 64 m<sup>2</sup>, como na montagem da “Favela Complexo de Fátima” <sup>3</sup>. Há peças que representam apenas uma edificação, que pode ser um simples barraco de 10 cm de altura, ou um grande casarão de 1,20 cm de altura, há outras que são compostas de numerosas unidades e formam verdadeiros complexos arquitetônicos. As esculturas também variam quanto ao formato, algumas são trabalhadas em todos os lados e parte superior, outras na fachada e na parte superior; e há ainda aquelas “bidimensionais”, que têm a fachada em relevo, preenchida em pequena profundidade com diversos materiais.

Além de toda a variedade de materiais, de dimensões e de formatos; destacamos ainda outro fator diferencial, que é o fato de que parte do conjunto dessas peças, recebe apenas tratamento externo e outra parte recebe tanto tratamento externo como interno. Ou seja, parte das esculturas é trabalhada, sobretudo em fachadas, tetos, laterais e fundos das construções, e outras, além destes, são minuciosamente elaboradas também em seus interiores.<sup>4</sup>

No entanto, o que nos interessa neste trabalho é refletir sobre o espaço poético do habitar, por meio de uma perspectiva fenomenológica, que se expressa nas miniaturas através das relações simbólicas do espaço construído, por isso nossa investigação não se aterá as características e aos elementos plásticos das peças.

Nas construções em papelão de Sergio Cezar é possível pensar poeticamente o sentido da relação do homem com o espaço, e experimentar a condição primordial do habitar; para esta leitura tomamos como referência “A Poética do

<sup>1</sup> O artista, nascido em 1957, no Rio de Janeiro, mantém seu ateliê na Rua Cardoso Júnior, em Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> A primeira exposição aconteceu no Instituto dos Arquitetos do Brasil/IAB – RJ.

<sup>3</sup> CEZAR, Sergio. *FAVELA COMPLEXO DE FÁTIMA*, 2007. Escultura, papelão, 64 m<sup>2</sup>. A enorme favela feita de papelão e sucata foi usada como cenário na abertura da novela “Duas Caras”, exibida pela Rede Globo nos anos de 2007/2008.

<sup>4</sup> Algumas peças recebem iluminação interna e/ou externa, através de ligações elétricas adicionadas às esculturas.

Espaço” (1957) de Gaston Bachelard e “Construir, Habitar, Pensar” (1951) de Martin Heidegger. Nesta perspectiva, analisaremos a imagem poética do habitar nas esculturas, na percepção da imaginação e na experiência da intimidade; onde o espaço construído, investido de sentido, se transforma em lugar, território de relações identitárias e de referências simbólicas que habitam os espaços de intimidade, o imaginário e a memória.

As investigações de Bachelard em “A Poética do Espaço” desenvolvem uma leitura fenomenológica da poesia, onde analisa a imagem poética da casa no espaço concebido pela imaginação e experimentado na intimidade, daí o caráter variacional da imagem poética.

*“Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela?”*<sup>5</sup>

O *Kósmos aisthetón*, na acepção grega do termo, é “ornamento, ordem, o universo visível, físico”<sup>6</sup>, *aisthetón* é tudo o que é “capaz de ser percebido pelos sentidos; o objecto dos sentidos, o sensível”<sup>7</sup>. Equilíbrio e beleza têm sua origem no cosmos; de acordo com o fragmento 124 do pensador Heráclito (século IV a.C.): “De coisas lançadas ao acaso, o arranjo mais belo, o cosmos”<sup>8</sup>. A espontaneidade harmônica deste arranjo é a morada da vida; e a imagem poética da casa é a origem do habitar humano. “A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa”<sup>9</sup>.

A casa é bem mais do que o espaço construído, ela é um espaço poético imbuído do sentido e do uso que lhe são atribuídos. Heidegger, em *Construir, Habitar, Pensar* (1951), reflete sobre o construir e sua finalidade primeira, o habitar. Nesta perspectiva, o espaço construído das miniaturas em papelão revela diferentes modos do habitar, como moradia, comércio e outros. “Construir não é, em sentido próprio, apenas meio para uma habitação. Construir já é em si um habitar.”<sup>10</sup>

Neste sentido é significativo que nas esculturas de papelão a figura humana não esteja representada, o que reafirma a idéia de que “Construir já é em si um habitar”, pois a presença humana é percebida através das construções como espaço de habitação.

5 BACHELARD. *A Poética do Espaço*. 5 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 24.

6 CORNFORD, F. M. *PINCIPIUM SAPIENTIAE*. 2 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p.132.

7 Idem, p.27.

8 HERÁCLITO. *Fragmentos*, tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980, p 137.

9 BACHELARD, op. cit., p. 26.

10 HEIDEGGER [*Bauen, Wohnen, Denken*] (tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback) Conferência pronunciada, por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, em 1951, e publicada em *Voriäg und Aufsätze*, G. Neske Pfullingen em 1954.

Disponível em: <[http://www.prouarb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger\\_construir,%20habitar,%20pensar.pdf](http://www.prouarb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf)>

Acesso em: 23/04/2010, p. 1.

Privilegiamos, em nossa abordagem, a unidade nuclear das construções da Arquitetura do Papelão, a casa; consideramos a casa em sua singularidade e em sua complexidade, onde as relações simbólicas revelam o sentido do habitar. E buscamos, sobretudo, “as imagens do *espaço feliz*”, que “Visam determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços definidos como forças adversas, dos espaços amados.”<sup>11</sup>

Para esta análise selecionamos uma mostra reduzida de esculturas em papelão, um barraco<sup>12</sup> e um complexo de casas. O barraco representa tanto a unidade nuclear da casa como do trabalho do artista; enquanto que o complexo nos remete a expansão do habitar, ao coletivo que habita as cidades e a multiplicidade que sugere as miniaturas da Arquitetura do Papelão.

A escolha das imagens específicas se deu, pelo conteúdo simbólico da narrativa, que abriga o imaginário ligado a um modo de habitar popular na cidade do Rio de Janeiro; e também pela necessidade de limitarmos o número de figuras. As construções da Arquitetura do Papelão podem ser associadas a diversas cidades brasileiras, ou mesmo a diferentes cidades do mundo; a relação desenvolvida com a cidade do Rio de Janeiro, em nossa análise, remete à inspiração do artista e ao modo como o imaginário cultural e a vida cotidiana da cidade pode ser lida, na narrativa poética de algumas esculturas. De maneira que não abordaremos, neste trabalho, as complexas questões históricas e sociais que envolvem o habitar das favelas e das periferias dos grandes centros urbanos brasileiros, e particularmente, do Rio de Janeiro.

Direcionamos nossa leitura para as fachadas principais das construções, privilegiaremos a narrativa que se desenvolve na dialética entre a casa e a rua, entre a fachada principal do espaço construído e o espaço externo. Muito embora, na maioria das construções contidas nas imagens escolhidas os interiores estejam velados, e não possam ser vistos; há na escultura do complexo de casas (figuras 2 e 3), duas construções em que os interiores se deixam desvelar através das janelas abertas. No entanto, em função do recorte proposto, consideraremos apenas a dialética entre o interior e o exterior das construções.

Os barracos, construídos pelo artista Sergio Cezar, evocam a simplicidade do *espaço feliz*<sup>13</sup> representado nas imagens dos desenhos infantis; por isso remetem à experiência primeira da intimidade, tão inerente à imagem da casa rústica<sup>14</sup>.

*“[...] a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se*

<sup>11</sup> BACHELAR, op. cit., p. 17.

<sup>12</sup> Utilizamos a palavra “barraco”, conforme o próprio artista denomina estas unidades nucleares da Arquitetura do Papelão, para referirmo-nos a escultura (Figura 1) analisada neste trabalho. Este termo barraco é, comumente, usado no Rio de Janeiro, para designar as moradias das favelas.

<sup>13</sup> Cf. p.3.

<sup>14</sup> As fotografias utilizadas no texto são de nossa autoria, assim como os títulos atribuídos às imagens das esculturas. As obras fazem parte da coleção particular do artista e foram fotografadas no atelier de Sergio Cezar, no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, em 06/2009.

*opondo, às vezes se excitando-se mutuamente.*”<sup>15</sup>

A contemplação das miniaturas requer olhar atento aos detalhes, que não se revelam na totalidade da imagem, exigem devaneio; é necessário paciência para desvendá-los na dialética que se instaura entre a unidade e a multiplicidade, a totalidade do conjunto e os detalhes. É nesta relação, neste devaneio que se revelam as minúcias, onde pequenos pedaços de papelão e de pano; palitos de picolé; tampinhas de latas de alumínio; pequenas partes de brinquedos; adesivos; pedaços de papel; jornais; revistas e outras porções de sucatas se transformam em objetos, como roupas, cadeiras, mesas, bandeiras, placas, plantas e toda espécie de mobiliário, utensílio e decoração domésticos.

A casa rústica, o mais simples abrigo dos homens, abriga também seus hábitos, sua vivência, sua experiência de habitar. Na figura 1 temos a imagem poética da casa humilde, na representação do barraco, que não esconde suas funções nem seus espaços. Porque as miniaturas em papelão narram a relação dos homens com o espaço de intimidade; os detalhes nos falam tanto do estado físico das construções e dos materiais da edificação, como das condições sociais e do modo de vida cotidiano de seus habitantes imaginários.

O habitar das casas simples, não se limita ao pequeno espaço interno, comumente, se expande para o espaço externo, ocupa as calçadas e se integra à rua. Diferente do modo de vida das moradias das classes mais elitizadas da sociedade brasileira, em que tanto as casas como os grandes edifícios, cuidam em esconder a vida de seus habitantes no interior de suas residências, de forma que não haja interferência visual no padrão da construção, nem comunicação direta com o exterior.

Na narrativa poética, da cena da fachada principal da casa (figura 1), os objetos expostos revelam diretamente as funções e o cuidado cotidiano da casa. As janelas abertas; o parapeito que se abre em bancada, com um copo e uma lata de bebida apoiados, sugerem um pequeno comércio como um bar (botequim), ou simplesmente um ambiente de uso doméstico; a vassoura encostada na parede; o lixo no chão por varrer; a escada improvisada para subir ao telhado, onde as roupas estão expostas, penduradas nos varais; os vasos de plantas e a cadeira na calçada, são detalhes que narram o habitar da casa. O devaneio do poeta, em *Gente Humilde*, expressa a melancolia da imagem do *espaço feliz* das casas humildes, que habitam as calçadas.

*“Igual a tudo/Quando eu passo no subúrbio/Eu muito bem/Vindo de trem de algum lugar/E  
at me dá/Como uma inveja dessa gente/Que vai em frente/Sem nem ter com quem contar/  
São casas simples/Com cadeiras na calçada/E na fachada/Escreto em cima que é um  
lar/Pela varanda/Flores tristes e baldias/Como a alegria/Que não tem onde encostar [...]”*<sup>16</sup>

<sup>15</sup> BACHELAR, op. cit., p. 26, grifo nosso.

<sup>16</sup> A música *Gente Humilde* foi lançada no álbum *Chico Buarque de Hollanda*, em 1970, é uma parceria de três compositores e poetas brasileiros, Chico Buarque, Garoto e Vinícius de Moraes, grifo nosso.

A poesia nos fala de um habitar que pode ser observado por quem passa, porque ultrapassa o interior da casa para o espaço externo da rua “são casas simples com cadeiras nas calçadas [...]”. O poema se relaciona diretamente à representação da escultura (figura 1) e vice-versa, porque ambos partilham da mesma imagem poética do habitar, a casa vista na condição de lar, moradia, habitação. “Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela?”<sup>17</sup>

Na peça analisada aqui, o interior não está exposto; embora as janelas estejam abertas, as cortinas e as portas estão fechadas, de modo que o interior não pode ser visto, somente pode ser imaginado<sup>18</sup>, como uma continuidade do que se vê externamente.

Outra característica, observada nesta peça e em outros barracos, é o modo como a cor se integra nessas esculturas, associadas diretamente à função do habitar. As cores conduzem o olhar para os detalhes espalhados pelo ambiente, através de roupas, bandeiras e outros objetos de uso e decoração, uma vez que a edificação apresenta condições precárias de construção, sem pintura nas paredes nem acabamento.

A identidade das casas também está exposta externamente, seja pelo escrito da fachada referido no poema, quanto no escrito, no canto esquerdo da fachada do barraco “Tudo de Bom para Você” (figura 1), ou ainda na placa na entrada do complexo de casas (figura 3), na qual pode-se ler a inscrição “Arquitetura do Papelão”, essas características identitárias fazem parte de um “imaginário” das moradias populares do subúrbio carioca, que pode estar representada por uma bandeira; um escudo de time; uma foto de artista; uma imagem de santo protetor; inscrições com dizeres nas fachadas e objetos diversos.

O complexo da Figura 2 nos permite visualizar o processo de expansão das peças da Arquitetura do Papelão e de criação de Sergio Cesar. A expansão é sugerida pelo espaço vazio na parte superior da grande caixa de papelão retangular que abriga a escultura, assim como pelas partes das laterais inacabadas, como se a escultura estivesse ainda em construção e a favela em expansão.

*“Este, o construir, tem aquele, o habitar como meta. Mas nem todas as construções são habitações. Uma ponte, um hangar, um estádio [...] a auto-estrada, a represa, o mercado, são construções e não habitações. Essas várias construções estão, porém, no âmbito do nosso habitar, um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se a uma habitação.”*<sup>19</sup>

Esta peça abriga construções diversas como escadas, marquises, etc. e moradias que remetem diretamente a um modo popular de habitar. A narrativa da imagem nos conduz pela grande e íngreme escadaria que corta a pedra, para dar acesso a um beco com as primeiras casas. No alto do morro tem um antigo sobrado à direita, que sugere uma edificação, possivelmente do final do século

17 BACHELAR, op. cit., p. 24.

18 No trabalho da Arquitetura do Papelão, de Sergio Cesar, há tanto esculturas de fachadas, em que a parte interna das edificações não é trabalhada, como há outras em que o espaço interno é preenchido com minúsculos detalhes. Muitas recebem, inclusive, iluminação tanto na parte externa, como no espaço interno da escultura.

19 HEIDEGGER, op. cit. p.1.

XIX e início do século XX; à esquerda uma pequena casa de um único andar e outro sobrado atrás.

O conjunto da peça sugere que o grande casarão seja habitado como cortiço, pois é a partir dele, que parece ser a construção mais antiga do complexo, que se expande a ocupação desordenada morro acima. O modo de habitar dos cortiços, como se chamam as grandes casas subdivididas internamente, para abrigarem várias e numerosas moradias, se espalhou pela cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX, devido ao rápido crescimento demográfico, à expansão da cidade e à transferência das elites para novos bairros e construções modernas; muitos destes antigos casarões foram demolidos no início do século XX, com as obras de urbanização e modernização da cidade, e em épocas posteriores devido à expansão e ao crescimento imobiliário.

A imagem do sobrado da direita (figura 2) guarda interferências das ações sofridas pela edificação, no decorrer do tempo; como podemos observar pela representação das condições físicas da construção, através da fachada principal. Neste devaneio<sup>20</sup> a narrativa da miniatura nos liga tanto ao passado, através das características históricas da construção representada; como ao presente, no que diz respeito às precárias condições de conservação, e ao uso, que ainda hoje se faz, de muitos destes prédios antigos no Rio de Janeiro.

As esculturas de papelão não se expandem apenas na multiplicação externa das casas; na Figura 2, por exemplo, observamos o crescimento do espaço nos interiores e nas laterais, que podem ser ampliadas criando acessos, circulações e fachadas, como na lateral direita do sobrado. É como se cada pequeno pedaço de papelão aguardasse para ganhar vida, para ser habitado, através dos detalhes, pelas mãos de Sergio Cesar.

Embora tenhamos privilegiado, neste texto, apenas a imagem poética da casa, na condição do *espaço feliz*; o habitar tem caráter múltiplo e se propaga nas relações sociais. A própria imagem do sobrado, da Figura 3, invoca o habitar comunitário de um mesmo espaço, através dos sentidos simbólicos imersos na memória e na narrativa poética da imagem.

As miniaturas de Sergio Cesar se identificam, por meio do conteúdo simbólico e dos materiais utilizados, à realidade dos excluídos, ao modo de vida popular das parcelas mais pobres da população brasileira, da “gente humilde”<sup>21</sup> das casas simples, que se expandem para as ruas, nas poéticas culturais do habitar.

As esculturas redimensionam as referências espaciais em toda a sua amplitude e complexidade; cada uma com sua narrativa particular investe de sentido o espaço construído e faz dele um lugar, de acordo com a palavra do poeta, com a memória histórica ou com o devaneio de cada observador.

<sup>20</sup> Cf. citação p.6.

<sup>21</sup> Referência à poesia citada. Cf. p.7.

*“[...] a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes se excitando-se mutuamente.”<sup>22</sup>*

As relações e os significados simbólicos engendrados pelos detalhes fazem do espaço da Arquitetura do Papelão, um território permeado de sentidos, em constante construção, no qual se desvela a imagem poética da casa e a condição primeira do habitar.

---

<sup>22</sup> BACHELAR, op. cit. p. 26, grifo nosso.



**Escultura**

Sergio Cezar

Rio de Janeiro, 2009

Fonte: GUIMARÃES, Aissa. *Barraco*.

Rio de Janeiro. 2009. 1 fotografia.



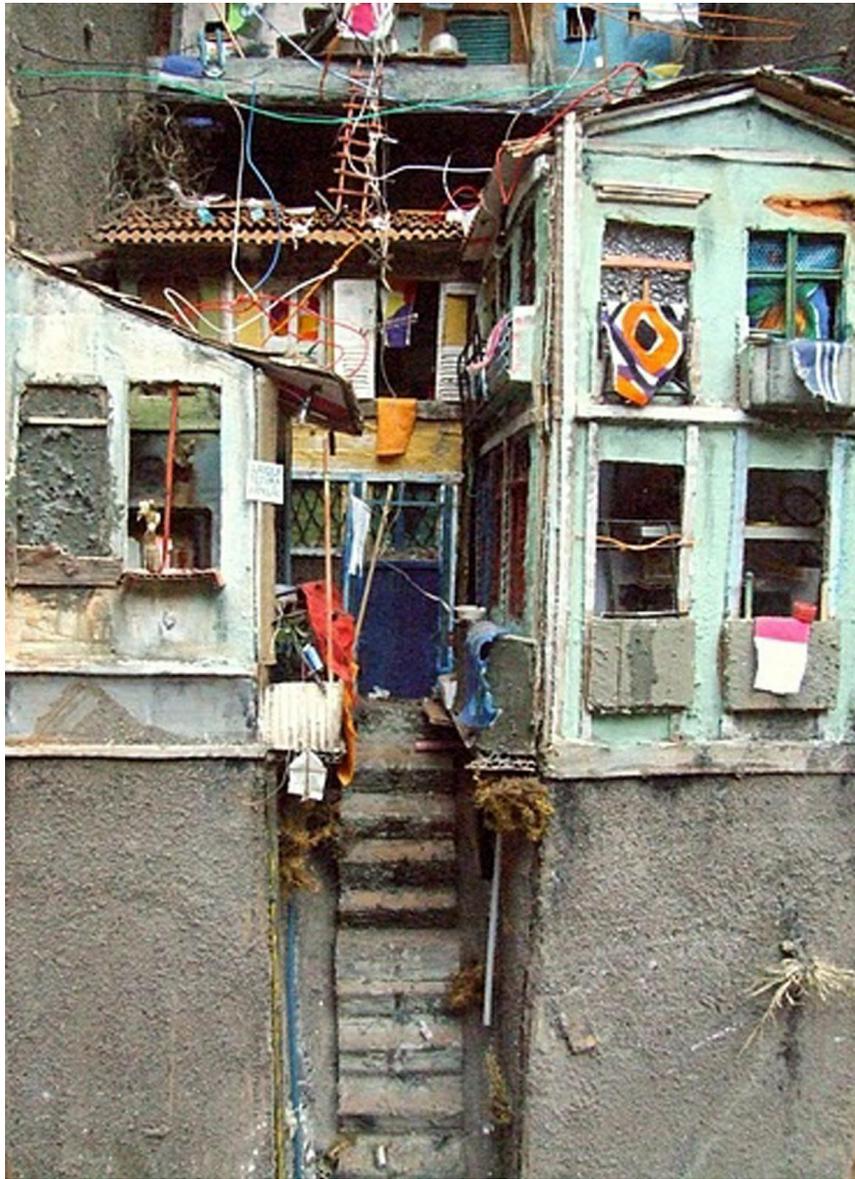
**Escultura**

Sergio Cezar

Rio de Janeiro, 2009.

Fonte: GUIMARÃES, Aissa. *Complexo*.

Rio de Janeiro. 2009. 1 fotografia.



**Escultura**

Sergio Cezar

Rio de Janeiro, 2009.

Fonte: GUIMARÃES, Aissa. *Detalhe do Complexo*.

Rio de Janeiro. 2009. 1 fotografia.